

AGOSTINHO DE HIPONA:

HELENISMO E CRISTIANISMO

12
aula

META

Apresentar os principais problemas filosóficos presentes na Obra de Agostinho de Hipona.

OBJETIVOS

Ao final da aula, o aluno deverá:
definir as bases do pensamento agostiniano;
identificar as principais questões que compõem a reflexão agostiniana; e
analisar, à luz do pensamento agostiniano, alguns problemas filosóficos da Idade Média.

PRÉ-REQUISITOS

O aluno deverá revisar os assuntos relativos a Filosofia Medieval.



Agostinho de Hipona, detalhe de vitral situado na cidade de Saint Agoustine, Fórida, EUA. (Fonte: <http://upload.wikimedia.org>).

Olá, caro aluno. Na aula passada transitamos pelo período denominado Idade Média, período marcado pela fusão de culturas e pela busca de conciliação entre a filosofia pagã e o pensamento cristão. Na aula de hoje, iremos abordar sobre

INTRODUÇÃO

o pensamento agostiniano. Mas o que é filosofia para Agostinho? Diríamos que filosofia, para Agostinho, é, essencialmente, caminho para a felicidade. Neste sentido, é necessário diferenciar dois níveis de conhecimento: mundano e o verdadeiro saber, ou seja, a investigação intelectual associada à orientação moral e ao esforço ascético. Suas obras mais importantes são: *As confissões* e *A cidade de Deus*. No entanto, o problema central das suas investigações era, sem dúvida, o problema do mal. Como explicar a existência do mal sendo Deus Bem supremo e criador de todas as coisas?



(Fonte: <http://raizculturablog.files.wordpress.com>).

Nascido no Norte da África (Tagasta- 354 d.C – atual Argélia), Agostinho foi um pensador que buscou soluções para problemas essenciais da existência humana. Questões como a origem do mal, da liberdade, da graça, foram tematizadas e discutidas à luz do novo modo de conceber o mundo, a saber: o cristianismo.

AGOSTINHO DE HIPORA

A tarefa assumida consistia, portanto, em encontrar respostas filosóficas que satisfizessem as principais indagações existenciais e do contexto filosófico vivido por Agostinho. Mergulhado nas obras de grandes pensadores pagãos como Plotino, Cícero, Sêneca, bem como, impulsionado pelos exemplos de mestres cristãos como Santo Ambrósio, Agostinho foi capaz de construir uma obra que permanece como um dos pilares da cultura ocidental.

A formação de Agostinho iniciou-se aos 19 anos de idade. Foi nessa fase que ocorreu um impacto decisivo a partir do contato com a obra *Hortensius* de **Cícero**. Relata ele no livro III, 4 das *Confissões*: “O livro (*Hortensius*) é uma exortação à filosofia (...) Devo dizer que mudou os meus sentimentos e o modo de me dirigir a ti (*Deus*)”. Agostinho encontrava em Cícero todo o fervor e desejo para o conhecimento, no entanto, lamentava não encontrar no texto ciceroniano a presença do Cristo.

Filho de mãe extremamente religiosa (Santa Mônica), Agostinho cresceu e foi educado no espírito cristão e, por essa razão, suas *Confissões* carregam o tom conflituoso de um homem educado na fé, mas descrente por falta de razões que demonstrassem a perfeita unidade entre os princípios do cristianismo e da filosofia, particularmente, a platônica.

Algumas questões que inquietavam o jovem Agostinho serviram de guia para a descoberta de pensadores como Plotino, Porfírio e Sêneca. Possuidor de um espírito extremamente investigativo, Agostinho se decepcionou muitas vezes com as respostas encontradas nos livros. Muitos dos argumentos apresentados não eram sufi-

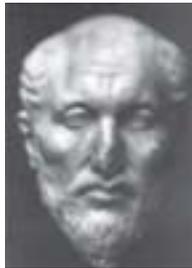


Marco Túlio Cícero

Filósofo e orador romano (106 a.C/ 46 a.C). Sua obra *Hortensius* teve uma influência profunda no pensamento filosófico de Santo Agostinho.

Mani

Foi profeta, pintor e médico persa que pregava a divisão do mundo em duas forças antagônicas: o Bem e o Mal (210-276 d.C.). Daí a expressão maniqueu.



Plotino

Considerado o fundador do neoplatonismo (205-270 d.C.). O neoplatonismo se caracteriza, basicamente, por atribuir uma divisão triádica do real baseando-se em três hipóstases que são: o Uno, o Ser e a Alma.

cientes para explicar a questão central que transpassa toda a obra agostiniana, a saber: o que é o mal?

Em busca de uma resposta consistente Agostinho assume várias posturas teóricas ao longo da vida. Em um primeiro momento se converte ao maniqueísmo, depois ao ceticismo e por último ao neoplatonismo.

Foi no neoplatonismo que Agostinho encontrou as respostas mais satisfatórias para suas indagações. Através da leitura de Plotino, graças a tradução latina de Mario Vitorino, Agostinho compreendeu que Deus, enquanto unidade que transcende de modo absoluto tudo o que existe, é o Bem supremo que gera todas as coisas de maneira infinita e livre.

No fundo, lendo **Plotino**, Agostinho reconhece que a Filosofia platônica se aproxima profundamente das verdades do cristianismo.

Para Plotino, o Bem supremo era, platonicamente, o fim de todo esforço racional da alma humana. A vida consistia em um retorno (*epistrophê*), isto é, em uma busca constante de regressar à unidade originária: o Uno. Esta idéia se adaptou perfeitamente ao princípio regulador da experiência cristã da conversão (*conversio*), ou seja, da superação da perversão (*perversio*) causada pelo debilitamento e destruição dos verdadeiros bens ou valores humanos. A queda ou o pecado, portanto, são pesados à luz da teoria platônica do afastamento do Bem supremo (*Conf. 7, 12, 18*).

A pergunta que perseguia o jovem Agostinho tinha agora uma resposta filosoficamente consistente, ou seja, cometemos o mal porque nos afastamos livremente daquele que nos protege e conserva: Deus. Somos, portanto, seres livres e responsáveis pelos nossos próprios atos e escolhas. Surge na história da filosofia uma idéia basilar do pensamento cristão, a saber: a relação entre o mal e o livre arbítrio.

a) O mal e o livre arbítrio

Para entender o sentido e o valor deste conceito é preciso partir da idéia de que Deus é o Bem e que todas as coisas são, necessa-

riamente, boas. Sendo assim, o livre arbítrio é uma resposta ao problema central da Criação, isto é, sendo todas as coisas boas, como compreender a existência do mal? Agostinho encontrou no **maniqueísmo** uma primeira resposta para esta questão: o mal existe porque é uma realidade contrária ao bem.

Esta visão dualista da natureza não satisfaz a exigência de um pensador que buscava a coerência da criação como ato de uma causa essencialmente Boa e Divina. O mal não podia ser pensado como parte constitutiva dos seres, nem muito menos do próprio Deus. Sendo assim, é necessário buscar razões razoáveis para a existência do mal. Um caminho encontrado por Agostinho foi se perguntar se o mal podia ser ensinado? Segundo ele, a instrução, por princípio, é boa e o mal residiria somente no uso indevido da inteligência.

O mal residiria deste modo, nas paixões e nos falsos juízos. As paixões e desejos são pontos decisivos para a compreensão agostiniana do mal. É importante ressaltar que o mal não reside na ação em si, mas no desejo pelo qual as ações são praticadas, sendo, portanto, fundamental a distinção entre *desejos bons* e *desejos maus*. Segundo Agostinho, os homens bons desejam aquilo que podem possuir sem o perigo de perdê-lo, enquanto que, os maus desejam uma vida criminosa para conseguir aquilo que desejam.

Como conseqüência do que afirmamos anteriormente, diríamos que o pecado pode ser definido, em Agostinho, como abuso da *vontade livre*. Se o que caracteriza o homem e o diferencia dos animais é ser possuidor de uma faculdade que nomeamos de razão, o que caracteriza o pecador é deixar-se levar pelos violentos desejos que contradizem a lei do equilíbrio e do bem. Por esse motivo, Agostinho afirma ser a maioria dos homens formada por insensatos (*stultos*).

Segundo o filósofo, nada no universo é mal, ou melhor, o mal não possui realidade física, moral ou ontológica. O universo é beleza e bondade plena; os erros são causados pelo uso indevido da faculdade de julgar que é, por natureza, boa e perfeita, logo o peca-

Maniqueísmo

Refere-se ao pensamento de Mani (210-276 d.C), profeta persa que fundiu diversas linhas de interpretação da realidade como o Zoroastrismo, gnosticismo e cristianismo. Postulava uma concepção do mundo pautado em duas forças reais e concretas o Bem e o Mal. Para Mani, toda a realidade se explicava a partir da luta constante entre estas duas naturezas, deste modo, quando: o Bem vencia, reinava a paz e tranqüilidade, quando o Mal vencia, reinava a desgraça e destruição. Esta doutrina exerceu, durante um bom tempo, uma profunda influência em Agostinho.

do traz a marca da ignorância. Por último, o mal não possui substancialidade porque seria contraditório com a idéia de um Deus que é princípio e fim de todas as coisas. Mas sendo assim, por que pecamos?

Para Agostinho, sendo Deus justo a vontade tem que ser livre para que o homem seja capaz de escolher e assumir o destino dos seus atos. Deus não pode ser responsável pelas ações humanas. Por isso, a vida feliz – a vida beata - exige o exercício das quatro virtudes cardeais: prudência, força, temperança e justiça. É verdade que, se Agostinho conseguiu superar o dualismo maniqueu com relação a existência de dois princípios universais, estabeleceu uma cisão interna à vontade humana, isto é, baseando-se na afirmação paulina de que “*eu não faço o que quero, mas faço o que detesto*” Agostinho mantém a tensão entre um *mal-querer* e a *boa vontade*. O vício é fruto de uma vontade perversa (*ex voluntate perversa*) que mantida pelo hábito se converte em necessidade (*L.A. VIII, 5, 10*). A lei do pecado relaciona-se, assim, com a violência do hábito. Diz Agostinho: “procurei o que era a maldade e não encontrei *uma substância*, mas sim uma *perversão da vontade* desviada da substância suprema” (*L.A. VII, 16,22*). Finalmente, o mal liga-se diretamente a criatura finita, temporal e mortal.

b) Tempo e história

A noção de tempo agostiniana é resultado do esforço cristão por superar a noção clássica de tempo como um ciclo eterno. A suplantação de um tempo cósmico por um tempo histórico é uma necessidade e tem como fundamento o pressuposto de um Deus único e criador.

Ou seja, a criação é uma marca divina que não pode ser pensada em termos de um eterno retorno, como defendiam os gregos, mas sim, como acontecimento inicial que tem como centro a figura do Cristo revelado na história.

Para Agostinho, o tempo não é algo fácil de ser definido. Quando ninguém se pergunta sobre sua natureza, ele se mostra claro e distinto, mas quando pensado, questionado, a ignorância é a pri-

meira a manifestar-se. Não sabemos o que é o tempo! Normalmente dividimos o tempo em três momentos: passado, presente e futuro.

No entanto, ao refletirmos sobre a natureza do passado, somos obrigados a afirmar que já não existe isso que chamamos passado; do mesmo modo, quando pensamos o sentido do presente, nos deparamos com a certeza de que, graças ao fluxo constante, ele também não é algo passível de ser apreendido. Do futuro, resta-nos somente a esperança de vivenciá-lo, já que o mesmo, também não existe. A conclusão inicial é: o tempo tende para o não ser.

Mas como compreendê-lo já que não podemos prescindir da temporalidade? Somos porque somos no tempo e no tempo nos mantemos. A original saída encontrada por Agostinho foi pensar o tempo a partir da própria experiência existencial humana, isto é, a vida humana como *distensão* da vida de Deus. Isto significa dizer que a *Criação* é vida interminável de Deus e, neste sentido, um caminho para se compreender o tempo é pensá-lo em relação à eternidade, ou seja, a partir da apreensão do Verbo que se faz presente na alma humana.

Para fundamentar sua análise, Agostinho recorre à frase do *Gênesis* que diz: “*no princípio Deus criou o céu e a terra*”. Mas como compreender este “princípio” sem negar a eternidade do criador? O Verbo Divino é definido como *aeterno in silentio*, ou seja, como Palavra Eterna que funda e mantém toda temporalidade e vida. É o eterno presente que determina os tempos passados e futuros. Nesta perspectiva, o tempo da vida se funda na eternidade como um “agora” que só se deixa abarcar pela capacidade compreensiva da alma. Se não existem tempos futuros nem pretéritos, somente podemos



Agostinho inaugura uma nova reflexão sobre o tempo. Ao perguntar-se pela natureza do tempo, Agostinho diferencia o tempo nos seus aspectos cronológico, natural e psicológico. (Fonte: <http://halley214.weblogger.terra.com.br>).

falar de uma “presentificação” das coisas passadas (memória), futuras (expectativas) e presentes. De modo que o tempo não se identifica com os movimentos dos astros, dos corpos, nem com as horas que passam nos relógios. O tempo se dá como *compreensão* e *apreensão* das coisas pelo espírito. Estamos, assim, frente a uma concepção “psicológica” do tempo que permite a Agostinho formular uma profunda relação entre a palavra criadora e a

história como *escuta* salvífica.

O tempo e a moralidade se confundem na alma humana que almeja regressar à unidade originária: Deus. A história do homem é, portanto, peregrinação e a única garantia para a existência do mundo é a invisível certeza de Deus revelado na figura libertadora do Cristo. Cristo é o centro de todos os acontecimentos e não pode ser pensado como passado, nem simplesmente como futuro, mas sim, como uma novidade permanente e presente que ilumina e reconduz o homem à vida feliz.



Cristo de São João da Cruz, óleo sobre tela, Salvador Dalí 1951-
museu de vida e arte religiosa de santo mungo glasgow inglaterra.
(Fonte: <http://comunidadejoao23.blogspot.com>).

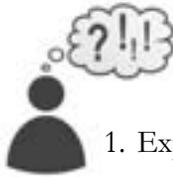
No decorrer de nossa aula, vimos que o pensamento agostiniano nasce e se estrutura a partir do diálogo com pensadores como Platão, Plotino, Cícero e Sêneca. O fim da filosofia, para Agostinho, é conduzir o homem à vida bem aventurada e isso significa superar os vícios e paixões que arrastam o espírito para as coisas transitórias e efêmeras. O tempo e a moralidade são partes constitutivas da história da salvação. Nesta perspectiva, a alma humana ocupa lugar de privilégio já que é nela que se dá o tempo de todos os tempos, isto é, o tempo da salvação.

CONCLUSÃO

RESUMO



Agostinho de Hipona representa, dentro da Filosofia cristã, um dos grandes momentos do pensamento filosófico ocidental. Marcado pela fusão entre neoplatonismo e cristianismo, além de suas raízes estoicas, Agostinho formulou um pensamento marcado pelas grandes questões medievais como, por exemplo: o tempo, o mal, a Trindade e, principalmente, elaborou uma resposta conciliadora entre o pensamento pagão e a reflexão cristã para a pergunta originária do pensamento grego, a saber: como do Uno provém o múltiplo sem que este deixe de ser o que ele é. Deus, como o Bem, garante a geração infinita do mundo mediante seu poder conversor que permanece como Verbo silencioso perfazendo todas as coisas e unindo-as em sua infinita beleza. A concepção agostiniana do tempo como *eterno presente* é uma inovação que possibilita uma concepção de homem que tem como fundamento a presença eterna de Deus.



ATIVIDADES

1. Explícite a concepção agostiniana do tempo e sua relação com história da salvação.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Observe que a noção de tempo, para Agostinho, está intimamente associada à natureza finita do mundo e do homem, ou seja, se por um lado, o tempo é a garantia de que a criatura não se confunde com o criador é, por outro, a expressão máxima da presença divina no mundo

PRÓXIMA AULA



Na aula 13, veremos as principais características da filosofia de Tomás de Aquino, um dos pensadores mais importantes da Filosofia Medieval.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, H. **A cidade de Deus**, I e II, Petrópolis: Vozes, 1990.

_____. **Confissões**. Petrópolis: Vozes, 1990.

_____. **Diálogo sobre a felicidade**. 1988.

CAVALCANTE, M. S. S. **Para ler os medievais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

ROBERTO, M.N.C. **O problema do mal na polêmica antimaniquêia de Santo Agostinho**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.